

O Engano de Édipo

Maristela Leivas

Estamos aqui reunidos para apresentar este que é o décimo livro publicado pelo psicanalista e escritor Luiz Olyntho Telles da Silva. Em suas publicações anteriores, mesmo quando dedicou-se aos contos, às crônicas, ou à crítica literária, encontramos ali com o analista-escritor. Com o analista que escreve desde o saber depositado em seus tantos anos de exercício, numa referência constante a sua experiência clínica.

Observamos que em ***O Engano de Édipo*** ele vai passando em revista as questões da formação analítica, seguindo o caminho lançado nos ensinamentos de Freud e Lacan, entre outros autores. Escolhe cuidadosamente uma sequência de textos por onde apresenta a psicanálise a seus leitores, ou melhor dizendo, apresenta seus ensaios sobre a prática psicanalítica. Destaca que a formação de quem escolhe este campo da psicanálise deve ser constante, que um analista se forma, fundamentalmente, em sua própria análise, e que há um momento de passagem do lugar de analisante ao de analista. Diz que a direção da cura vai na direção do vazio, e denunciando enganos na formação de analistas, aponta que reforçar o eu é o que devemos evitar, e que o analista deve estar advertido de que estar no lugar de suposto saber para o analisante, não implica num saber o que é o melhor para o analisante, por aí definindo diferenças entre a condução de uma psicoterapia e o que se produz na psicanálise, entre outras questões próprias ao campo.

Em ***O Engano de Édipo***, Luiz Olyntho adota a questão do engano, como um eixo expositivo ao longo do livro. Como lemos num dos textos, ***o engano está sempre presente na vida***. E, ***O Engano de Édipo*** é também o título de um dos textos que compõem o livro. O engano, analisado desde a história edípica, desde a apresentação do mito de Édipo, que identificamos como a grande sacada freudiana, ilustra como se constituem as diferentes estruturas psíquicas, e é o núcleo da estrutura da subjetividade. Neste texto, lemos que o grande engano de Édipo foi ter confundido o universal com o particular. O fato de Édipo ter evitado explorar o que se passava na sua história privada, o que se passava na sua história particular, fez com que se materializasse em sua própria cegueira, o que *não podia ver*, recaindo sobre ele justamente aquilo do que pretendia escapar, tornando-se por fim, vítima do que mais evitava.

Escreve Luiz Olyntho, que ***para a psicanálise o importante não é apontar erros, mas descobrir o núcleo de verdade*** contido no erro, no que se manifesta como equívoco, como engano. Além deste ***núcleo de verdade contido no engano***, incluiu m outro ponto, advertindo: ***a verdade pode ser deformada pela vaidade, pelo narcisismo, ao ponto de nos acreditarmos livres***. (o que está mal é a deformidade da verdade pelo narcisismo) Aproximo está advertência às três ofensas narcísicas que atingiram o homem, citadas por Freud.

Freud cita três ofensas narcísicas que que atingem o orgulho e a vaidade dos homens por parte das pesquisas científicas. A primeira ofensa, definida como um golpe cosmológico, é aquela que desmente que nosso planeta é o centro do sistema solar, associada ao nome de Copérnico; a segunda ofensa, definida como um golpe biológico, derivada das pesquisas de Charles Darwin, é aquela que aponta a um laço da origem do homem ao reino animal; e a terceira, e a que mais nos toca na discussão de hoje, definida como um golpe de natureza psicológica, é aquela que diz que ***nos movemos em função de desígnios ignorados, isto é, não temos controle de nossas motivações***. Por que seria esta uma ofensa? Por que ela desmente a idéia de que temos um eu que sabe o que quer e é dono de seus atos, simplesmente por que retira nosso eu do lugar de domínio, o eu como centro. E esta última ofensa, é a que identificamos como a que faz a grande resistência à psicanálise, pois ela aponta ao conceito de inconsciente, que é o conceito central, fundador da psicanálise.

Quando Luiz Olyntho estuda a origem do conceito de engano, o aproxima da *Apate*, da tragédia grega, onde está a referência a possibilidade e o valor do deixar-se enganar para melhor aproveitar a cena, anunciando aí o lado bom do engano. Sentimos que isso ocorre no momento em que assistimos um filme, ou vamos ao teatro, é necessário uma certa entrega ao que ali se passa para que haja fruição, para dar vazão aos nossos sentimentos. Assim, por associação aborda à questão do engano como metáfora para pensarmos o que se passa na transferência analítica. É necessário uma certa entrega para que a análise ocorra, para que se entre no processo, para seguir a regra fundamental: fale, diga o que vier a sua cabeça...

Desde a premissa de que ***os enganos fazem parte da vida do homem desde sempre***, poderemos nos perguntar, para que servirá uma análise?

Considerando que através da análise, um sujeito possa chegar ao reconhecimento de um engano, que na análise se produza um momento de abertura para explorar o núcleo de verdade deste engano, e que possa identificar onde estariam assentadas as bases de um equívoco, certamente isso abriria chances, serviria a uma mudança de interpretação. Uma nova interpretação poderá insidir em alguma transformação, na tomada de uma outra direção, mudando, muitas vezes o norte de uma vida. Mas não ocorrendo esta abertura para uma análise, quando segue vigorando a impossibilidade em reconhecer o engano, quando o sujeito se vê impedido, por que impera a alienação ao outro, quando aparece preso, como estavam os pés de Édipo, veremos, muitas vezes, se definir com rigidez o destino, observaremos ali a ausência de flexibilidade em observar os diferentes caminhos a percorrer. Acho que é esta uma das grandes lições do livro: o sujeito através da análise poderá descobrir que não está preso a um único destino, como também, que não há um único caminho.

E finalmente, partindo de tua própria pergunta, questionando o cuidar do jardim. – Cuidar do jardim seria uma maneira de elaborar a dívida com nosso lugar de origem? Incluo aí, o fato de estarmos hoje aqui, o escrever mais um livro, seria da mesma ordem, aproximando ao título do primeiro livro, seria um modo de pagar com palavras?